

BRAGUINHA
(João de Barro)

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2010

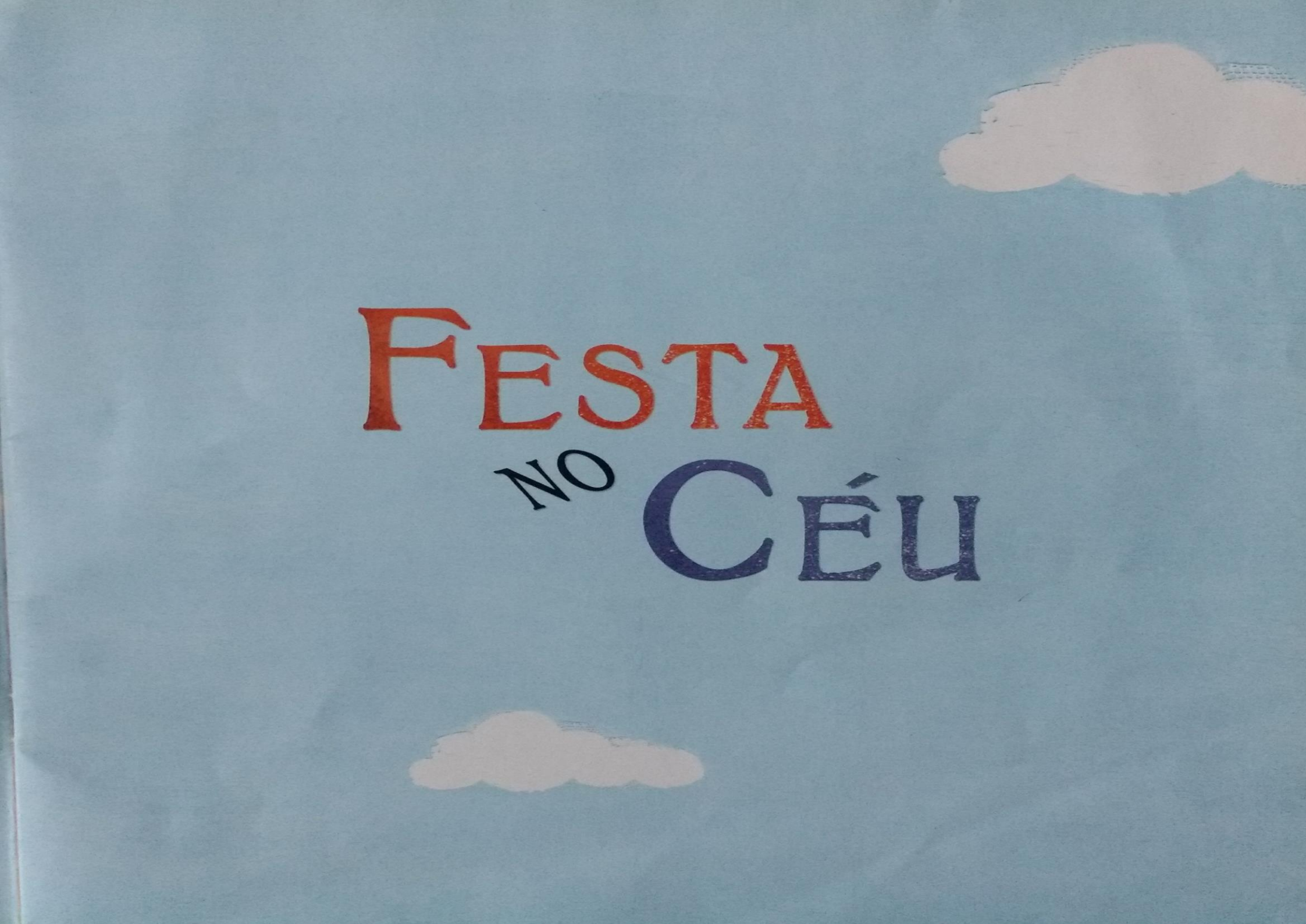
VENDA
PROIBIDA

Obra atualizada
conforme o
Acordo
Ortográfico da
Língua
Portuguesa

FESTA
NO
CÉU

Ilustração
TATIANA PAIVA

JPA



FESTA
NO CÉU



Em certa manhã de junho,
Em tempos que já se vão,
Junto à Lagoa dos Sapos,
Lá no meio do sertão,

Mestre Sapo numa pedra,
Redondo como uma bola,
Ensinava tabuada
Aos sapinhos lá da escola.

"Quatro mais quatro, quatro
Com mais quatro, quatro."

"TÁ ERRADO!"

$$4 + 4 + 4 + 4$$

$$4 + 4 + 4 + 4$$



$$4 + 4 + 4 + 4$$



Só se ouvia a voz dos sapos
Lá na lagoa parada.
Quando voz mais estridente
Fez parar a tabuada.

A velha Dona Araponga,
Que é o arauto da floresta,
Fazendo um berreiro enorme,
Anunciava uma festa:




“São Pedro manda avisar
Aos bichos deste sertão
A grande Festa no Céu,
Na noite de São João.


Não deve faltar à mesma
Nenhum bicho voador.
Do Mosquito à Borboleta,
Do Colibri ao Condor.

E, para bicho sem asa
Não fazer vestido à toa,
Manda frisar que a festança
É só pra bicho que voa.”

A Madame Saracura,
Que se julgava a mais bela
E andava às turras com o sapo,
Que a chamara magricela,
Quando ouviu a tal notícia,
Pulou de louca alegria.
E num dueto com o marido
Começou a cantoria:



Quebrei três potes,
Três potes, três potes!



Mas para bulir com o Sapo,
Para lhe fazer ciúmes,
Enxertou esses versinhos
Na cantiga do costume.

“Vai haver Festa no Céu
Na noite de São João,
Mas só vai bicho que voa,
Mestre Sapo não vai não!
Quebrei três potes!
Quebrei três potes!”

“Um coco só, um coco só!”

Um coco só, um coco só!



Mestre Sapo ouvindo aquilo
Fez uma cara zangada.
E respondeu num versinho
Sem parar a tabuada.

“Tá errada a magricela,
Saracura bobalhona.
Mestre Sapo vai à festa,
Nem que seja de carona.”

$$4 \times 4 \times 4 \times 4$$



$$4 \times 4 \times 4 \times 4$$



$$4 \times 4 \times 4 \times 4$$



“Quatro vezes quatro, quatro
Com mais quatro, quatro.”

“TÁ ERRADO!”

“Quatro vezes quatro, quatro
Com mais quatro, quatro.”

“TÁ ERRADO!”



Mas, depois daquele dia,
Começou a matutar.
“Como é que vou à festa,
Sem ter asas pra voar?”

Já estava desanimando,
Mas achou a solução
Quando o Doutor Urubu
Cantou com seu violão:

“Vai haver Festa no Céu,
Vou levar meu violão.
Vou cantar a noite inteira
Bam banram banram bandão!
A festança vai ser boa,
Vai ter canjica e quentão.
Mas só vai bicho que voa
Bam banram banram bandão...”

Quando o Urubu terminou,
O Sapo fez um escarcéu
E saiu gritando:

“Achei. Eu vou à Festa no Céu!
Saracura tá pensando
Que eu só vivo na Lagoa?
Vou mostrar à magricela,
Vou provar que Sapo voa.
Vou tirar a minha casaca
Lá do fundo do baú.
Já resolvi; vou à festa
No violão do Urubu.”



Chegou a manhã da festa.
Desde cedo a passarada
Foi subindo para o céu
Em bandos em revoada.

Também cedo, bem cedinho,
Mestre Sapo Cururu
Se vestiu, saiu da toca,
Foi procurar o Urubu.

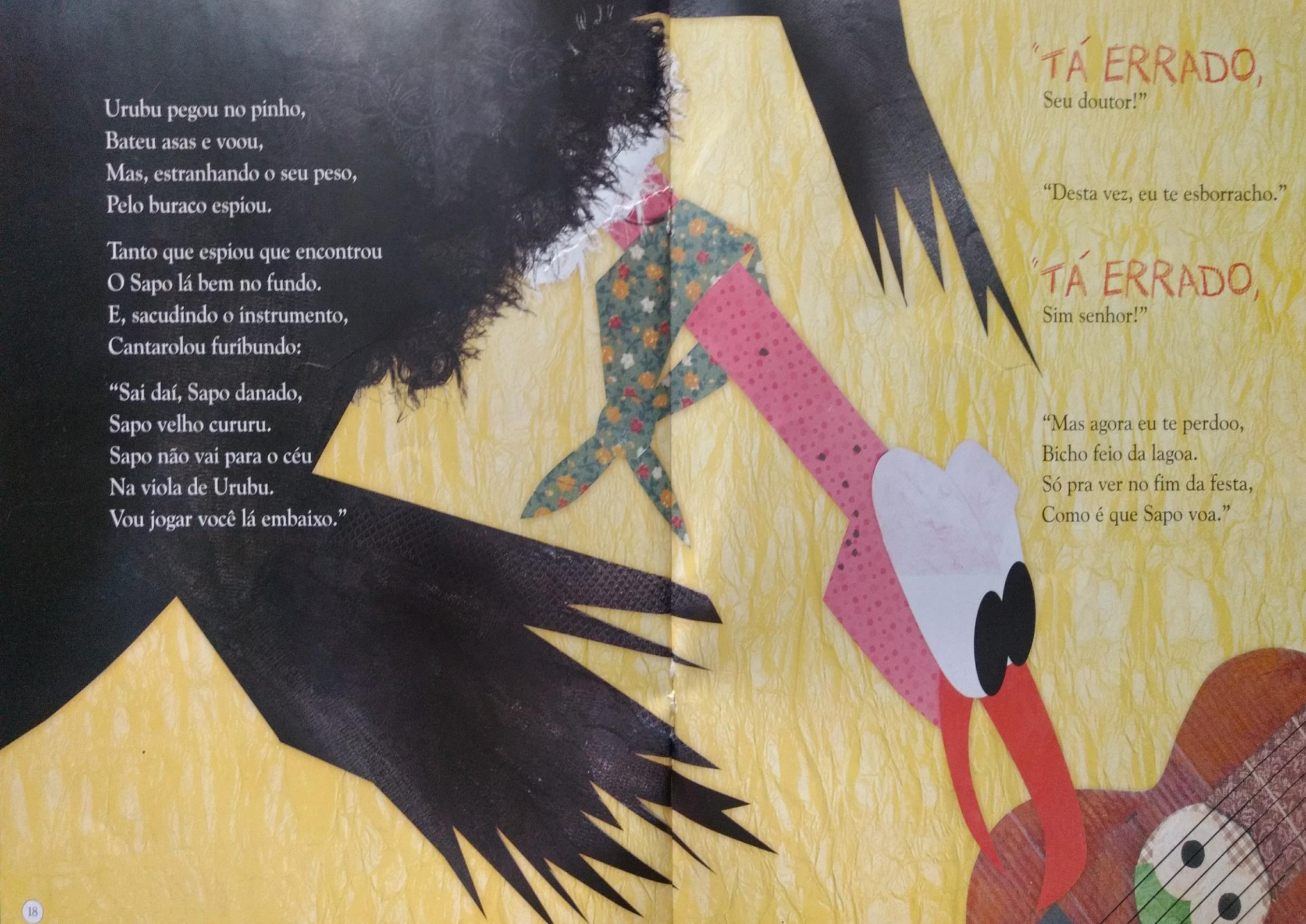
Foi andando, foi andando,
E, ao chegar a uma clareira,
Viu o Urubu cochilando
Lá no alto da paineira.

O Urubu estava bem alto,
Mas por sorte o violão
Estava dependurado
Num galho rentinho ao chão.

Mestre Sapo deu um pulo,
E rápido, num momento,
Afastou algumas cordas
E penetrou no instrumento.

E escutou de lá de dentro
O urubu dizer de fora:
“Valha-me, São Benedito,
Que quase que eu perco a hora!”





Urubu pegou no pinho,
Bateu asas e voou,
Mas, estranhando o seu peso,
Pelo buraco espiou.

Tanto que espiou que encontrou
O Sapo lá bem no fundo.
E, sacudindo o instrumento,
Cantarolou furibundo:

“Sai daí, Sapo danado,
Sapo velho cururu.
Sapo não vai para o céu
Na viola de Urubu.
Vou jogar você lá embaixo.”

“TÁ ERRADO,
Seu doutor!”

“Desta vez, eu te esborracho.”

“TÁ ERRADO,
Sim senhor!”

“Mas agora eu te perdoo,
Bicho feio da lagoa.
Só pra ver no fim da festa,
Como é que Sapo voa.”

Quando chegaram ao céu,
A festa estava animada.
E já de longe se ouvia
O canto da bicharada.

A marchinha era um sucesso.
A orquestra era um colosso.
Mosquitos cantando fino,
Besouros cantando grosso.

“Sobe, sobe, balãozinho,
Balãozinho multicolor.
Vai ser mais uma estrelinha
Pra louvar Nosso Senhor.”



Assim que o Urubu chegou
E entrou no grande salão,
Mestre Sapo foi saltando
De dentro do violão.

Foi saltando e foi tirando
A Garça para dançar.
Porém a Garça orgulhosa
Nem parou pra conversar.

Foi tirar a Juriti,
Quase levou um sopapo
Do Gavião, que exclamou:
“Pomba não dança com sapo!”

Abandonado por todos,
Cansado de tudo, enfim,
Mestre Sapo adormeceu
No balanço do jardim.

Quando acordou, exclamou:
“Valha-me, Nossa Senhora,
A festa já se acabou!
Urubu já foi-se embora!”

E começou a pular.
Já estava quase maluco
Quando avistou lá num canto
O trombone do Macuco.

Mestre Sapo suspirou,
Deu um salto e entrou de cara
Pelo bocal reluzente
Do tal trombone de vara.

A orquestra foi a última
A deixar o firmamento.
Cada músico levando
Consigo o seu instrumento.

Mestre Sapo ia feliz
Lá no trombone sentado
Quando o Maestro cismou
De executar um dobrado.

E levantou a batuta
E toda orquestra atacou!
Mas, no solo do trombone,
A coisa desafinou.

Mestre Macuco soprou,
Mas o solo não saiu.
Puxou a vara com força
E foi isso que se ouviu.

Fiu, fromm, fromm
Pá, pá, pá

"TÁ ERRADO!"

Fiu, fromm, fromm
Pá, pá, pá

"TÁ ERRADO!"





O maestro ouvindo aquilo,
Gritou com as forças do peito:
“Pois, então, se tá errado
Por que não toca direito?”

“Eu nunca toquei tão mal
Em dias de minha vida.
Eu acho que o meu trombone
Está com a vara entupida.”


E soprou com tanta força
Da bochecha e do pulmão,
Que o Sapo saiu de dentro
Como um tiro de canhão.

Saiu e se despencou
De lá de cima, o coitado!...
Vendo uma pedra cá embaixo,
Gritando desesperado:



**“AFASTA PEDRA SE NÃO TE ESBORRACHO!
AFASTA PEDRA SE NÃO TE ESBORRACHO!
AFASTA PEDRA SE NÃO TE ESBORRACHO!”**





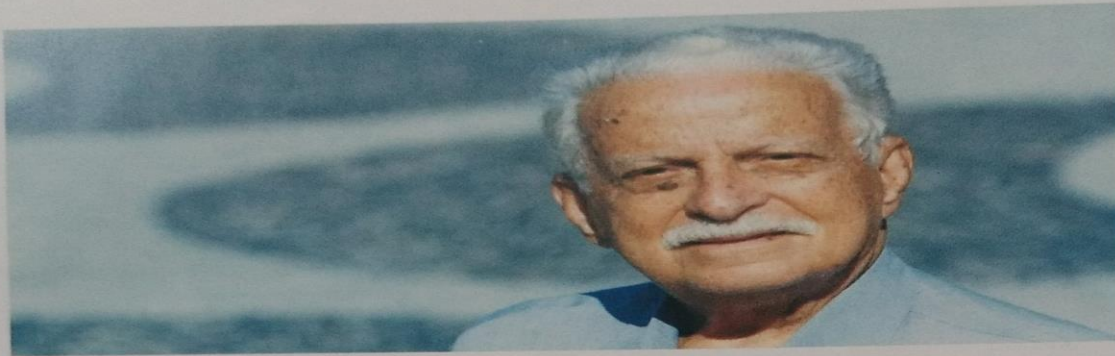
Mas, por mais que ele gritasse,
A pedra não se afastou.
Pedra não ouve, nem anda.
E o Sapo se esborrachou.

Não morreu, mas ficou feio.
Seu corpo ficou disforme.
Os olhos se esbugalharam,
A boca ficou enorme.

E os sapos que eram redondos,
Muito bonitos outrora,
Ficaram assim tão feios.
E são tão chatos agora.

Escutem, meus amiguinhos,
Este conselho acertado.
Ir à festa sem convite...
Escutem bem:

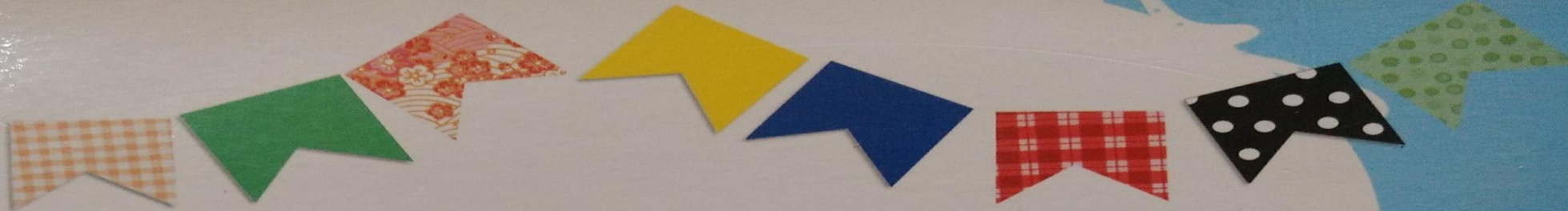
"TÁ ERRADO!"



Guiró Costa

Braguinha

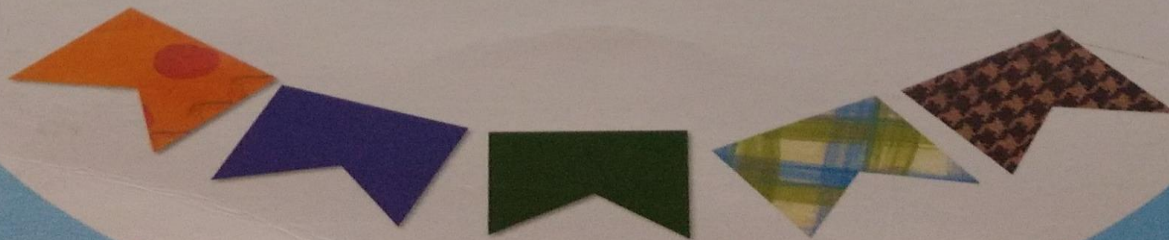
Ô festa boa! (Tá certo. Pode ser que o sapo não tenha achado lá tão boa assim, mas...) Sabe quem preparou a festança, quem deu a ela esse brilho especial? Foi o João de Barro, que sempre viveu entre a terra e o ar. Na verdade, o nome de batismo desse grande festeiro é Carlos Alberto Ferreira Braga, conhecido também por Braguinha. Nascido em 1907, no Rio de Janeiro, compositor de primeira, tornou-se famoso por suas alegres marchas de Carnaval. Mas muitas outras habilidades ele também tinha, por exemplo: foi roteirista e assistente de direção de filmes, além de responsável pela dublagem de desenhos animados. Essa proximidade com o universo infantil o estimulou a adaptar e a musicar vários contos populares, como *Os três porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho* e, já se sabe, este aqui: *Festa no céu*. Desde de 2006, João de Barro mudou-se definitivamente pro céu. São Pedro anda dizendo que a vida está muito mais animada por lá.



“São Pedro manda avisar
Aos bichos deste sertão
A grande Festa no Céu,
Na noite de São João.

Não deve faltar à mesma
Nenhum bicho voador.
Do Mosquito à Borboleta,
Do Colibri ao Condor.

E, para bicho sem asa
Não fazer vestido à toa,
Manda frisar que a festança
É só pra bicho que voa.”



ISBN 978-85-60772-58-2



9 788560 772582